

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAS E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II

ABRIL E MAIO DE 1896

N.º 4 E 5

## Milliaris do Conventus bracaraugustanus

Do opusculo, com este titulo, publicado pouco tempo ha, trouxe-nos o n.º 4 da *Revista Critica de Historia y Litteratura*, de Madrid, uma nota apreciativa pelo sabio epigraphista Sr. Dr. Emilio Hübner, que vem cerrar o cyclo de muitas outras da nossa imprensa periodica<sup>1</sup>, cada qual mais lisongeira e bemquerente.

Por onde ao obscuro auctor d'aquella brochura corre o imperioso dever de a todos em publico testemunhar seu agradecimento por tão bisarra gentileza, — valioso incentivo e por certo o melhor para novos esforços, se o tempo que tudo gasta tivera poupado o vigor indispensavel a quem a taes empresas se resolve dedicar. Valerá assim mesmo como galardão, não do merito intrinseco da obra que nenhum tem nem podia ter, senão da boa vontade e recta intenção do auctor: remuneração mais que sufficiente de fadigas e dispendios de vária especie, que pois passaram nem já pesam, Deus louvado.

<sup>1</sup> *Correio Nacional*, 13 de Dezembro de 1895; *Palavra* (rev. Oliveira Guimarães), 29 de dezembro de 1895; *Aurora do Lima*, 30 de Dezembro de 1895; *Aurora do Cavado* (Dr. Rodrigo Velloso), 1 de Janeiro de 1896; *Instituto* (A. V.), Janeiro de 1896; *Gazeta do Minho* (Sr. José de Menezes), 4 de Janeiro de 1896; *Jornal de Vianna*, 26 de Janeiro de 1896; *Correspondencia do Norte* (Dr. José Machado), 25 e 29 de Janeiro de 1896; *Lima* (M. L.), 1 de Fevereiro de 1896; *Tarde*, 3 de Fevereiro de 1896; *Novo Mens. do C. de Jesus*, Fevereiro de 1896; *Voz de Santo Antonio*, 14 de Fevereiro de 1896; *Revista Contemporanea*, Fevereiro de 1896; *Revista de Educação e Ensino* (Sr. Ferreira Deusdado), Março e Abril de 1896; *Vida Moderna* (Dr. Martiñs Sarmiento), 24 de Março de 1896.

Dizem-me que tambem o diario portuense *Voz Publica* dissera do caso; não logrei porém have-lo á mão.

Devo porém aqui uma referencia especial ao illustre epigraphista e douto professor berlinês o Sr. Dr. E. Hübner o qual, comquanto estrangeiro e sem nenhuma relação pessoal commigo, apesar da summa competencia na materia e talvez por isso mesmo, levou a sua amabilidade até se dignar indicar no pobre escripto algumas faltas de somenos importancia, deixando generosamente no escuro outras muitas que por ventura mais o sejam. Para corresponder pois á graça do eximio epigraphista, intento lançar aqui singelamente alguns dados elucidativos dos pontos notados, e de um que outro equivoco em que por ventura induzira a obscuridade, senão mesmo a incorrecção do meu texto.

\*

A pag. 104, col. 1.<sup>a</sup>, da referida *Revista Critica* diz em parenthesis o Sr. Dr. Hübner: «en algunos logares los miliarios fueron encontrados en tres millas consecutivas». Aqui deverá entender-se: millarios dedicados ao mesmo imperador; que tratando-se de imperadores diversos, no Gerez conserva-se ainda hoje uma serie de sete milhas consecutivas desde a xxxi á xxxvii. (Cf. *Milliarios*, 62, 63, e addenda *in fine*).

Evidentemente aquella passagem foi suggerida pela segunda parte da nota 2, a pag. 26 dos *Milliarios*, referente a millarios de um só imperador: «não tenho obtido maior serie que de tres consecutivos». E é unica: dos millarios de Maximino a Maximo.

\*

Na mesma pag., col. 2.<sup>a</sup>, repara o Sr. Dr. Hübner: «Falta á esta narración del P. Capella, sobremanera util, una sola cosa, y es un mapa delineado por mano de un geografo perito». Assim é, e isto mesmo advertira o Sr. Dr. Martins Sarmento em carta particular de 5 de Dezembro de 1895: «eu só lhe noto uma falta, e parece-me que lhe posso assim chamar—a de um mappa . . . indicando os sitios onde hoje se encontram os millarios».

Annos ha que algo se tentou neste sentido, e aos bons officios do brioso e illustrado official do nosso exercito, Sr. Major B. Sesinando, devo o desenho cartographico na escala de  $\frac{1}{50.000}$  de uma zona ao longo da Geira, desde Braga até alem da Portella-do-Homem, sobre a qual intentei apontar a directriz da via romana com indicação dos millarios, e para isso de novo pisei aquelle caminho.

Várias difficuldades porém me obrigaram a abandonar a empresa, entre outras a minha inaptidão technica, o ter de ampliar a outras *vias* de Braga o meu estudo, para o que não estava provido nem me era facil, de novo desenho, e sobre tudo aquella razão muito conhecida que obrigou o capitão a entregar a praça...

Isto mesmo comprehendeu com sua habitual penetração o Sr. Hübner, e exprimiu cortês e delicadamente nos seguintes termos: «Pero comprendo perfectamente que los modestos recursos del P. Capella non le han permittido el lujo de un nuevo mapa, tan util y necesario como hubiera sido para entender bien la narracion».

Sim, sem a *lei de meios* impossivel é governar a vida.

\*

A pag. 105, col. 1.<sup>a</sup>, continúa o Sr. Dr. Hübner: «Solo para mostrar-le lo completo de mi lectura de su libro voy á apuntar algunas equivocaciones ligeras. El genitivo IV LI, no IV LII, no está formado de un nominativo IV LV S, como opina a pág. 141, sino de IV LIV S. Hasta epoca muy baja, casi al tercer siglo, los nombres propios en *ivs* formaran su genitivo en la antigua terminación contrahida en *i* en vez de *ii*».

Na citada pag. dos *Milliarios* tinha saído: «a 1.<sup>a</sup> linha porém traz a anomalia de um PI · por PII · Nos titulos de Maximino e Maximo como adeante veremos dá-se um caso analogo com IV LI · por IV LII · e ordinariamente. Parece porém que melhor se justifica esta fórmula, já que o nome primitivo fôra IV LV S como usa Virgilio».

Ao ler a delicada advertencia logo me convenci de delicto philologico, a que não foi estranha a minha insciencia na materia, mais certa leviandade nativa de conserva com umas tenues reminiscencias virgilianas, que mais de uma vez me atraçoaram já. Assim mesmo, fallando no caso dias depois ao meu collega neste Lyceu, cathedratico de latim, respondeu-me incontinenti que a cousa era vulgar em Salustio, por ex.: nos nomes communs em *ius* e *ium*. E logo alli citou de memória varios exemplos em confirmação da doutrina do Sr. Hübner, que pelos modos é a de toda a gente que sabe d'isto.

Ha porém mais, se não melhor: num magnifico titulo epigraphico da melhor epocha (XXI tribunado de Augusto, 2 a. C.), ainda inedito e ha pouco descoberto pelo Sr. Albano Bellino, vemos nitidamente um genitivo *Paulli FABI Maximi* peremptorio a não mais.

Inteirado portanto; e quede-se por lá o menino IV LV S, que eu aqui dou as mãos á palmatoria.

\*

*Ibidem*: «Lo mismo en la pág. 173: se requiere en el numero 47 renglon 6 MAXIMVS en lugar de MAXIMINVS y en renglon 12 TEMPORIS en lugar de TEMPORES».

Aqui peço licença para observar que de modo nenhum acceitei a fórma TEMPORES, como da pag. seguinte (174 dos *Milliarios*) consta: «Na 13.<sup>a</sup> (aliás 12.<sup>a</sup> lin.) o segundo E de TEMPORES (que aliás ninguem conhece em latim), está alli no lugar do I primitivo». Saíu assim porque, como os demais titulos, tive de dar este na integra *sicut jacet*.

Pelo que toca a MAXIMINVS em vez de MAXIMVS é bem verdade ter *concedido o facto* nas seguintes passagens: «Quanto a MAXIMINVS da 6.<sup>a</sup> (linea) bem possivel é assim ficasse desde o principio» (*Milliarios*, 174); e em a nota a pag. 167: «No milliaro de Bretiandos vem (Maximus) com o nome de MAXIMINVS e alguns epigraphistas lh'o attribuem. Alem de merecer menor fé o titulo d'este milliaro por haver soffrido retoque, alguns dos outros contradizem-no como adeante se verá».

Esta concessão *de facto* e mesmo assim dubitativa, baseava-se primeiramente na dificuldade de o renovador introduzir na palavra, sem a deformar, os elementos syllabicos IN; depois na possibilidade de assim ter sido dictada ao *lapicida* primitivo, por me occorrer então o que sobre o assumpto ouvira em tempo a pessoa de superior competencia e discrição. Por ella sou de novo informado de que num dos indices de Henzen á *Collecção das inscripções latinas selectas*, de Orellius, se allude a esta variante segundo o titulo 5526, com a nota de ha pouco haver sido verificada no monumento por Steiner, e assim melhor se apadrinhar a lição de Capitolino e Aurelio Victor.

D'estes o primeiro não o conheço; no segundo porém encontro effectivamente: *filiusque ejus pari nomine Caius Julius MAXIMINVS caesar factus est. (De caesaribus, xxv)*.

Agora na questão de *direito* não tenho voto; assentirei assim mesmo á doutrina do Sr. Dr. Hübner não só porque é d'elle, como por a ter visto confirmada noutros titulos milliarios. Accresce em seu favor o testemunho de duas medalhas latinas, cunhadas no Oriente, uma na colonia romana de *Pella*, Macedonia; outra, na de *Troas*, Alexandria-Troas (*Ilion*). No anverso da primeira circumda o busto juvenil de Maximo a letra: IVL VERVVS MAXIMVS; no reverso, figura de mulher sentada com o distico COL IVL AVG PELLA.

No averso da segunda, o mesmo busto com a legenda: IVL VE MAXIMVS; do outro lado, uma aguia sobre a cabeça de um touro (Roma nas colonias), e a lettra TRO COL AVG.

A serem authenticas, algum valor terão no pleito. Por minha parte inclino-me a acceitar o *facto* sem julgar do *direito*; acceito, porém, na *these* e a beneficio de inventario a lição MAXIMVS.

\*

*Ibidem*: «En la pág. 154 hay DEADVMENIANVS en lugar de DIADVMENIANVS, y PRNCI· en lugar de PRINCIPI· ¿O son estas faltas del original?».

Não; do meu original é que me parece que serão. Foi o caso que na cópia da pedra, colhida em vinte minutos escassos para não perder a *posta* de Chaves, saíram omissões que pude depois encher mediante os bons serviços de um cavalheiro da localidade, a quem fôra entregue um rascunho da epigraphe com as lettras provavelmente omissas, escriptas a lapis azul, a ver o que havia ao certo. Entre essas lettras ia a syllaba PI· da palavra PRINCIPI· Devolvendo o rascunho veio a resposta nestes termos: «A presente inscripção existente em um milliario de Villarandello está fielmente tirada e segundo a ordem por que está no marco. As lettras a lapis azul estão todas perfeitamente legiveis na pedra, excepto a lettra A da abreviatura AVG. da qual sómente se percebem os seguintes traços A. As restantes lettras tambem estão todas legiveis no marco, excepto uma na palavra MAC-INO que provavelmente era a lettra R, mas d'esta não existe vestigio algum. Ha dois pontos no fim das palavras da 4.<sup>a</sup> linha, um para cada palavra. Creio poder-se prestar confiança a esta nota, pois foi feito o estudo do marco milliario com todo o rigor possível».

O mesmo rigor não houve infelizmente na minha transcripção, pois não sei por que artes me passou pela malha ou antes não foi apanhada a tal syllaba PI·

Quanto ao E por I de DIADVMENIANVS é possível escape ao sollicito revisor, não só porque na gravura lapidar de certa epocha nem sempre é facil distingui-las, como por não ter sido notada a lapis azul como as outras. Para estes dois pontos de novo chamei a attenção do consciencioso informador de Villarandello; até hoje, porém, não obtive resposta<sup>1</sup>. Cuido, portanto, que a melhor lição até

<sup>1</sup> Responde em 23 de Maio confirmando a lição do Sr. L. de Vasconcellos.— (Nota P. S.)

agora será a do Sr. Leite de Vasconcellos n-*O Archeologo*, I, 118, tirante a nitidez das supracitadas letras A e R mais ou menos gastas na pedra, e por ventura a localização no fim da 4.<sup>a</sup> linha da primeira syllaba de NOBILISSIMO.

E ahí está como a economia de tempo é ás vezes muito pouco economica.

\*

*Ibidem*: «Apesar de que el P. Capella afirma en la pág. 176 haber leído en las mismas piedras como nombre del legado de los emperadores Maximino y Maximo repetidas veces Quinto Decio Valerino en lugar de Valeriano, sigo dudando de esta fórmula imposible, cuyos ejemplos no se han visto en ningun texto antiguo aparte de estos miliarios. Es facil que la N haya contenido una linea transversal, para significar *an*, y que esta haya escapado aún á los ojos de lince del P. Capella».

Talvez, talvez. Bem que na filiação onomastica VALERINVS de *Valerius*, se algo vale a analogia com ANTONINVS de *Antonius*, CONSTANTINVS de *Constantius* etc., não tope grande embaraço a minha rusticidade philologica, e por outro lado o argumento negativo de «falta de outros exemplos» não pareça decisivo na questão, tamanho é para mim o pêso da auctoridade do sabio epigraphista, que de boamente subscrevo *em these* á condemnação da tal «fórmula impossível». Agora *na hypothese* ou seja na questão do facto, unica da minha alçada, para não repetir o que dito foi a pag. 179 dos *Milliarios*, apenas lembrarei que por mais de uma vez quis encontrar na pedra o traço horisontal de N e não no logrei. Possivel que seja por culpa dos meus olhos, comquanto de lince como graciosamente m'os concede o douto epigraphista, mas afinal cada um vê com os seus e outro remedio não ha. Assim resta me apenas convidar a que *vejam*, não o illustre sabio que tão longe reside de nós e occupado em trabalhos de maior tomo, mas qualquer curioso que o deseje: *veni, et vide*<sup>1</sup>.

Neste ponto confessarei que mais me agradaria ver explicado o porque só nestes milliarios do Gerez hão de apparecer titulos de

<sup>1</sup> Desde as Caldas do Gerez por caminho seguro e batido através de formosissima paisagem, vae-se a cavallo em duas horas á Portella-do-Homem, e d'ahi regressando pela Geira (VIA NOVA), visitam-se os quatro milliarios em questão.

Maximino e Maximo com o tal appendice de *Valerino* ou *Valeriano*, e cerceados da conhecida fórmula: *vias et pontes temporis vetustate collapsos restituerunt*. Dir-se-ia que porque nesta estrada elles não tiveram que reparar pontes nem caminhos; isso porém sobre não resolver inteiramente o problema, tem contra si os dizeres dos milliaros 4853 e 4858 (*I. H. L.*, 645, 646), da mesma estrada lá pelas alturas da *Limia*, nos quaes se volta ao antigo e commum estylo. Alem de que neste mesmo estylo deu Argote o milliaro 4816, milha XXXII, Volta de Côvo, Gerez, que aliás agora não apparece tal qual<sup>1</sup>.

Para este ponto uso chamar a crítica superior e vastissima erudição do sabio mestre.

\*

*Ibidem*: «En la pág. 111 dice no haber encontrado un miliario en mi obra, mientras pocas lineas más arriba cita el numero 6226 que le he dado».

Aqui temos apenas um ligeiro equívoco, por ventura resultante da menos clareza do meu texto: «Este titulo que não encontro na compilação de Hübner, etc.». Pela palavra *compilação* queria eu designar sómente o 2.º vol. do *Corpus* (*I. H. L.*), — *Inscriptiones Hispaniae Latinae*; não o *Supplementum* á mesma obra, pois nas linhas immediatamente anteriores tinha eu escripto: «d'onde passaram (esta e outras inscripções) por offerta (do Sr. Dr. Sarmento) ao *Suppl.* do *C. I. H. L.*<sup>2</sup> do Sr. E. Hübner».

Tal interpretação me parece poder-se deprehender de segunda leitura da referida pagina dos *Milliaros*.

Este ligeiro apontado dos defeitos do meu ensaio cerra o Sr. Dr. Emilio Hübner com uma observação em tanta maneira generosa e fidalga, que appetee á gente dar-se parabens por ter errado:

«Pero son estos errores de muy poca importancia y de la especie á que estamos expuestos todos los autores de libros de algun bulto».

<sup>1</sup> Cfr. *I. H. L.*, 642; — *Milliaros*, 176-177.

<sup>2</sup> Aproveito a occasião para corrigir as citações que no meu opusculo faço d'esta obra sob o indice *C. I. H. L.*, que traduzia mentalmente *Corpus Inscriptionum Hispaniae Latinarum*, devendo ler simplesmente *I. H. L.*, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, fazendo aliás parte do *Corpus*. Só tarde dei pelo equívoco e entendi não valer a pena corrigir na minha publicação. Vai agora: antes tarde que nunca.

Caso seria de passar para aqui, quando lícito fôra, aquella palavra de tão alto sentido: *o felix culpa!*

Concluo beijando as mãos do sabio mestre e perfeito cavalheiro, com os protestos da minha rendida veneração e vivo reconhecimento.

Vianna do Castello, 21 de maio de 1896.

M. CAPELLA.

### Dois denarios da familia «Decimia»

Nas *Monnaies de la République Romaine*, de E. Babelón, I, 453, descreve-se assim o R<sub>2</sub> do unico denario por elle e outros AA. attribuido á familia Decimia:

«R<sub>2</sub>. FLAVS · ROMA (*Flavus · Roma*). Diane dans un bige au galop à droite, tenant dans sa main un fouet dont la mèche est roulée autour du manche».

Cohen, *Médailles consulaires*, Paris 1857, pag. 122, faz uma descripção semelhante.

Ora, no Gabinete numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa, existem duas medalhas que variam do exemplar descripto. Uma das differenças é muito pequena; a outra é mais importante.

\*

Eis aqui o desenho de uma das moedas, a menos importante:



O anverso, — cabeça da deusa Roma, de brincos e capacete alado, voltada á direita, e tendo do lado da nuca a marquiha X—, não differe do da moeda descrita pelos AA. franceses. O R<sub>2</sub> varia, porém, pois vê-se sobre a cabeça de Diana a meia-lua, que muitas vezes